

## UM CANCIONISTA PERNAMBUCANO: PRIMEIROS PASSOS

### Abstract

This article aims at showing the first steps of the author's research in his pursue of a doctorate degree at the Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), under the supervision of Professor André Crim Valente, Ph.D. The article introduces Antonio Nóbrega, a Brazilian singer, composer and dancer who was born in Pernambuco, and the branches of the Portuguese language the author intends to work with in his thesis: stylistic, semantic and dialectology, with the analyses of some lyrics from a cultural perspective.

**Key word:** Stylistic. Semantics. Dialectology.

*Senhores desta casa  
Licença eu vou chegando  
Eu vou*

*A voz e a rabeca  
O coração cantando  
Eu vou*

Com esta loa de domínio público, começo a dar meus primeiros passos no trabalho em que pretendo abordar aspectos semânticos, estilísticos e dialetológicos da obra do compositor, cantor e ator pernambucano Antonio Nóbrega, cuja trajetória artística compreende a participação no Quinteto Armorial – idealizado pelo escritor Ariano Suassuna no início da década de 1970 – e a contínua observação do trabalho dos artistas populares nordestinos, chamados de “brincantes”. Este artigo tem como objetivo, portanto, apresentar o estágio inicial de pesquisa que será aprofundada ao longo da tese de doutorado em língua portuguesa que desenvolvo na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), sob a orientação do professor doutor André Crim Valente.

Quando assisti à *Aula-Espectáculo* de Antonio Nóbrega na Escola de Música da Universidade do Rio de Janeiro (Uni-Rio), em 1993, chamou-me a atenção a maneira como aquele cidadão franzino, que displicentemente apreciava os livros expostos no saguão da universidade antes de sua apresentação, ganhou um fôlego especial e transformou-se num ser grandioso quando subiu no palco. Cantou, dançou, contou histórias, jogou capoeira. Manteve o domínio absoluto da platéia o tempo todo. A partir de então, não pude deixar de ouvir o seu nome ou referências a seu trabalho e ficar indiferente.

Como sempre tive grande interesse pela cultura popular brasileira em suas mais diversas manifestações, a arte de Antonio Nóbrega passou a fazer parte do meu foco de atenção tanto em termos musicais – já que também disponho de formação específica nesta área – como, conse-

qüentemente, no que diz respeito aos textos que se relacionam com as canções, muitas vezes criados em conjunto com o médico e poeta pernambucano Wilson Freire, seu constante parceiro.

Na tese que desenvolverei, pretendo abordar aspectos lingüísticos constantes do repertório dos cinco discos de Nóbrega lançados no período de 1996 a 2002 (*Na Pancada do Ganzá, Madeira que Cupim Não Rói, Pernambuco Falando para o Mundo, O Marco do Meio-Dia e Lunário Perpétuo*) como se fossem cinco roteiros que seguem uma mesma seqüência ou lógica e que, na verdade, formam um único e longo roteiro de proporções muito maiores, digamos assim, que é a própria trajetória artística desse pernambucano radicado em São Paulo, onde mantém o Teatro Brincante.

Ao falar em aspectos lingüísticos, ressalto que abordarei como ponto de partida aqueles referentes à semântica, à estilística e à geografia lingüística, podendo abranger a fonética. E essa abordagem será feita com um viés cultural, aproveitando minha formação nas áreas de letras, música (defendi Dissertação de Mestrado em Música Brasileira sobre o trio elétrico/carnaval baiano) e comunicação social (sou jornalista e pesquisador de cultura popular brasileira).

Por ser pernambucano, Nóbrega tem um jeito próprio de cantar, o qual será explorado ao longo da tese, em busca de traços que bem caracterizem o seu estilo.<sup>1</sup> E ao conservar em seu canto peculiaridades do modo de falar do seu estado natal, o artista tem uma pronúncia bem diferente de um falante ou cantor carioca, por exemplo. Aproveito para lembrar aqui Mário Marroquim, em *A Língua do Nordeste*:

A pronúncia do nordestino é a que caracteriza em geral o falar brasileiro: é demorada, igual, digamos mesmo arrastada, em contraste com a prosódia lusitana, áspera e enérgica.

As vogais são todas pronunciadas, mesmo as átonas, quer mediais quer finais.

<sup>1</sup> Tomarei como ponto de partida aspectos teóricos abordados por autores como Nilce Sant'Anna Martins, em *Introdução à Estilística* (MARTINS, 2000), e Yonne Leite e Dinah Callou, em *Como Falam os Brasileiros* (LEITE e CALLOU, 2002), por exemplo.

Não dizemos tel'fone ou pared' com o e *reduzido, mas telefôni, parêdi. Não há nelas diminuição de quantidade, nem ensurdecimento, como em Portugal* (MARROQUIM, 1996, p. 21).

Para dar uma idéia inicial do trabalho que pretendo desenvolver, observe-se a letra de *Canudos*, de Antonio Nóbrega e Wilson Freire, segunda faixa do CD *Madeira que Cupim Não Rói*, canção dedicada a "Mestre Ariano" (referindo-se ao escritor Ariano Suassuna), como consta no encarte do disco:

### *Canudos*

Eu, viandante, de um chão poento.  
Dias queimosos, vida sem idílio.  
Preces voltadas para sóis ardentes,  
luares claros a buscar o Auxílio.  
Para os meus olhos, confusão pasmosa,  
batalha surda, secular martírio.

Ai, desatino!  
Ai, o meu penar!  
Ai, velho medo!  
Sombra e malpassar!

Vi mamelucos, pardos, vi cafuzos.  
Rostos marcados, um Santo Sudário.  
Em Bom Conselho, Bendegó, Pontal,  
vi Conselheiro rezar solitário.  
E anunciando o inverno benfazejo,  
em Monte Santo subiu pro calvário.

Nos primeiros passos em busca da poética de Antonio Nóbrega, levarei em consideração o plano léxico. O próprio título desta canção, *Canudos*, topônimo do Estado da Bahia, pode ter seu alcance ampliado para designar a região conhecida por "sertão de Canudos". Encontramos em seguida "viandante", "o que caminha, anda, segue por caminhos diversos". Através do viandante, surgem elementos que vão povoando o universo cantado pelo artista, por meio de unidades léxicas que caracterizam:

Tempo/espaco: (chão) poento; (dias) "queimosos", os "teimosos dias quentes"; (sóis) ardentes; (luares) claros.  
Intenção: (buscar o) Auxílio.  
Condições objetivas e subjetivas: confusão, pasmosa, batalha, surda, martírio, secular, desatino, penar, medo, sombra, malpassar.  
Habitantes da região: mameluco, pardo, cafuzo.  
Sofrimento: (rosto) marcado, Santo Sudário, calvário.  
Topônimos da região: Bom Conselho, Bendegó, Pontal, Monte Santo.  
Antropônimo: Conselheiro.  
Redenção: anúncio, inverno, benfazejo.

Paralelamente a essa avaliação e tentativa de classificação do universo léxico apresentado, deve-se levar em conta o sotaque claramente nordestino do artista, com sua pronúncia bem característica daquela região brasileira, como dito anteriormente. Assim, ao longo do trabalho que desenvolverei como tese de doutorado, abordarei também aspectos fonéticos de sua forma de cantar, delineando aspectos sonoros do que chamarei inicialmente de "dicção poética do cancionista pernambucano Antonio Nóbrega", para usar um conceito do compositor e professor de linguística Luiz Tatit, da Universidade de São Paulo (TATIT, 1996).

Para dar mais um exemplo do repertório a ser trabalhado, segue a letra de *Chegança*, também de Nóbrega e Wilson Freire, dedicada a Zé Alfiate, do Caboclinho Sete Flechas, tradicional manifestação cultural pernambucana, e em memória de Galdino Jesus dos Santos, índio que morreu queimado em função de um ato selvagem de adolescentes irresponsáveis em Brasília, em 1997.

### *Chegança*

Sou pataxó,  
sou xavante e cariri,  
ianomâmi, sou tupi  
guarani, sou carajá.  
Sou pancaruru,  
carijó, tupinajé,  
potiguar, sou caeté,  
fulniô, tupinambá.

Depois que os mares  
dividiram os continentes,  
quis ver terras diferentes,  
eu pensei: "Vou procurar  
um mundo novo,  
lá depois do horizonte,  
levo a rede balançante  
pra no sol me espreguiçar."

Eu atraquei  
num porto muito seguro,  
céu azul, paz e ar puro,  
botei as pernas pro ar.  
Logo sonhei  
que estava no paraíso,  
onde nem era preciso  
dormir para se sonhar.

Mas de repente,  
me acordei com a surpresa,  
uma esquadra portuguesa  
veio na praia atracar.  
Da grande nau,  
um branco de barba escura,  
vestindo uma armadura  
me apontou pra me pegar.  
E assustado,

dei um pulo lá da rede,  
pressenti a fome e a sede,  
eu pensei: “Vão me acabar!”  
Me levantei,  
de borduna já na mão,  
ai, senti no coração,  
o Brasil vai começar.

Ao universo de *Canudos*, canção anterior, *Chegança* acrescenta novos elementos, ampliando, assim, o espaço referencial. No plano léxico, deve-se levar em conta:

a) Povos indígenas citados: pataxó, xavante, cariri, ianomâmi, tupi, guarani, carajá, pancaruru, carijó, tupinajé, potiguar, caeté, fulniô, tupinambá.

Exemplos de definições retiradas do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*:

“Pancararu [pancaruru] – grupo indígena que habita as proximidades do médio São Francisco, junto aos limites dos municípios de Tacaratu e Petrolândia PE (Área Indígena Pankararu e Terra Indígena Entre Serras), e o Norte da Serra do Ramalho, no município de Bom Jesus da Lapa BA (Área Indígena Vargem Alegre)” (HOUAISS e VILLAR, 2001, p. 2.115).

“Fulniô – grupo indígena que habita as margens do médio rio Ipanema, junto aos limites do município de Águas Belas PE (Terras Indígenas Aldeia Foklassa e Fulniô)” (HOUAISS e VILLAR, 2001, p. 1.400).

b) Espaço: mar, continente, terra (diferente), mundo (novo), horizonte.

c) Intento ou modo de vida: rede (balançante), espreguiçar-se, porto (seguro), céu (azul), paz, ar (puro), pernas (pro ar), paraíso, sonhar.

d) Novos elementos: esquadra (portuguesa), nau, branco (de barba escura), barba (escura), escuro, armadura, apontar, pegar.

e) Novo estado ou modo de vida: assustado, pulo (da rede), forma, sede, acabar (no sentido de morrer), levantar, borduna.

f) Conclusão: Brasil, começar.

Observe-se o texto da próxima canção de *Madeira que Cupim Não Rói, Quinto Império* (Antonio Nóbrega e Wilson Freire), e o seu respectivo universo léxico:

### *Quinto Império*

Iaiá, me dá teu remo,  
Teu remo pra eu remar.  
Meu remo caiu, quebrou-se, iaiá,  
Lá no alto-mar.  
Meu sangue é trilha  
dos mouros, dos lusitanos,

dunas, pedras, oceanos  
rastream meu caminhar.  
E sendo eu,  
que a Netuno dei meu leme,  
com a voz que nunca treme  
fiquei a me perguntar:  
“O que será  
que além daquelas águas  
agitadas, turvas, calmas,  
eu irei lá encontrar?”

Ai, mundo velho,  
novo mundo hei de achar!

Eu decifrei  
astros e consolações,  
construí embarcações,  
destinei-me a navegar.  
Atravessei  
a Tormenta, a Esperança,  
até onde o sonho alcança  
minha fé pude encravar.  
Rasguei as lendas  
do oceano tenebroso  
para el-rei, o Glorioso,  
não há mais trevas no mar.

Enquanto *Chegança* conta, de certa forma, o descobrimento do Brasil sob o ponto de vista do índio, *Quinto Império* traz a visão portuguesa desta mesma descoberta. Termos como “mouros”, “lusitanos”, “dunas”, “pedras”, “oceanos”, “Netuno” e “leme” preparam o ambiente para a pergunta-chave da canção: “O que será que além daquelas águas agitadas, turvas, calmas, eu irei lá encontrar?” É o mundo velho descobrindo um mundo novo.

Para dar mais um exemplo da riqueza lingüística do universo a ser trabalhado, veja-se *Olodumaré*, também de Antonio Nóbrega e Wilson Freire, dedicada ao “pessoal do Nação Pernambuco”, grupo de maracatu:

### *Olodumaré*

Vou-me embora dessa terra,  
Olodumaré,  
para outra terra eu vou,  
Olodumaré.  
Sei que aqui eu sou querido,  
Olodumaré,  
mas não sei se lá eu sou,  
Olodumaré.  
O que eu tenho pra levar,  
Olodumaré,  
é a saudade desse chão,  
Olodumaré.  
Minha força, meu batuque,  
Olodumaré,  
heranças da minha nação,  
Olodumaré.  
Ainda me lembro

do terror, da agonia,  
como um louco eu corria,  
para poder escapar.  
E num porão  
de um navio, dia e noite,  
fome, sede e o açoite  
conheci, posso contar.  
Que o destino  
quase sempre foi a morte,  
muitos só tiveram a sorte,  
da mortalha ser o mar.

Na nova terra,  
novos povos, novas línguas,  
pelourinho, dor, à míngua,  
nunca mais pude voltar.  
E mesmo escravo,  
nas caldeiras das usinas,  
nas senzalas e nas minas,  
nova raça fiz brotar.  
Hoje, essa terra  
tem meu cheiro, minha cor,  
o meu sangue, meu tambor,  
minha saga pra lembrar,

Agora é o negro contando sua chegada  
no Brasil, completando o trinômio racial formador  
do povo brasileiro. *Olodumaré*, ou *Olodumarê*,  
é o "título atribuído a Ifá, orixá da adivinhação e  
do destino" (HOUAISS e VILLAR, 2001, p.  
2.061). O negro traz, desde então, a religião  
africana como forte elemento identificador,  
marcando assim a singularidade de sua presença  
na terra recém-descoberta.

Em seu final, a canção *Chegança*,  
comentada há pouco, diz que o Brasil vai  
começar. No entanto, chega aqui o fim dessa

#### REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. 2.ed. rev. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- CALLOU, Dinah e LEITE, Yonne. 8.ed. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002.
- CARVALHO, Nelly; MOTA, Sophia Karilla e PAES BARRETO, José Ricardo. *Dicionário do frevo*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2000.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3.ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário aurélio da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

primeira etapa de trabalho com um mundo léxico tão rico como o entrevisto neste texto. As idéias estão apenas esboçadas; a viagem será longa. E é com *Vou-me Embora*, que encerra *Madeira que Cupim Não Rói*, que termino os primeiros passos desta apresentação do universo artístico do cancionista pernambucano Antonio Nóbrega.<sup>2</sup> O plano de referência léxico conclui-se, por ora, com os seguintes termos ou idéias: ir embora (quatro vezes); adeus (nove vezes) com os vocativos mana, palco, platéia, calor, vento, sombra, claridade; rabeca; ganzá; pandeiro; viola; bandolim; companheiros; ir (para outro terreiro); partir; (levar) lembrança; saudade.

#### *Vou-me Embora*

Vou-me embora,  
Vou-me embora,  
adeus, mana!  
Senhores, não canto mais.  
Lê-lê-ô.

Adeus, mana!

Vamos embora, rabeca,  
meu ganzá e meu pandeiro,  
minha viola de prata,  
bandolim, meus companheiros!  
Adeus, palco! Adeus, platéia!  
Eu vou para outro terreiro.

Adeus, calor! Adeus, vento!  
Adeus, sombra e claridade!  
A quem ficou, dou adeus!  
Adeus também à cidade!  
Eu vou partir, mas eu levo  
lembrança e muita saudade!

- FERREIRA, Carlota e CARDOSO, Suzana. *A Dialetoleologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- ILARI, Rodolfo e GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. São Paulo: Ática, 2002.
- LEITE, Yonne e CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- MARQUES, Maria Helena Duarte. *Iniciação à semântica*. 5.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- MARROQUIM, Mário. *A Língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. 3.ed. Curitiba: HD Livros Editora, 1996.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística*. 3.ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.
- TATIT, Luiz. *O cancionista: composição de canções no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1996.

<sup>2</sup> A Bibliografia Inicial indicada a seguir reúne apenas algumas obras que servirão como ponto de partida para o estudo proposto, não significando necessariamente as referências bibliográficas utilizadas neste artigo. Naturalmente, essa relação de obras será bastante ampliada à medida que a tese em questão for sendo desenvolvida.